

Salto do Tieté, proximo a Itú, em S. Paulo

A uma legoa ao oeste da cidade de Itú está situada a magestosa cascata formada pelo rio Tieté, que tem o nome de *Salto*.

Descrever o quadro sublime que a natureza, como que de um impeto, ostenta aos olhos maravilhados do viajor, é tarefa que não comportam os simples traços da linguagem escripta, e que sobreexcede as debeis forças de quem alinha estas phrases.

O Salto de Itú, que dá o nome á cidade, deve contar-se entre as maravilhas de que é tão prodiga a natureza na provincia de S. Paulo. É para ver, para admirar, é uma belleza que se póde contemplar com extase, mas não descrever-se!

O aspecto d'esta cascata não offerece vistas pittorescas, quer pelos accidentes do terreno, quer pelo agrupamento de arvores de caprichosas fórmas, ou pelo matiz das relvas que atapetem o chão; mas deleita o animo, e desata um como sentimento de intima satisfação e de suave prazer. O Salto de Itú, arrojando-se do alto dos penhascos, espadanando as ruidosas torrentes sobre os penhascos, causa uma ineffavel impressão. É um espectaculo grandioso, que infunde admiração, ao passo que amedronta o animo perante este monumento do incommensuravel poderio de Deus.

O rio Tieté atravessa a provincia de S. Paulo em toda a sua extensão, dividindo-a em duas metades quasi eguaes; e quando chega á pequena povoação do Salto, corre por entre penhascos e rochas negras, desenhando como que differentes ilhas revestidas de exotica vegetação.

Os penhascos amontoam-se de tal arte, que vão formando uma gigantesca parede que estreita o leito do rio, e alvoroça as aguas na sua invencivel correnteza. Á proporção que as aguas se ennovellam por entre os penedos que lhe impedem a desenfreada torrente, marulham estrondosamente ao quebrarem-se de encontro aos alcantis com medonho fragor.

Além, abaixo da ponte lançada sobre o rio, e na sua mór parte assentada sobre pedras que quasi o entulham n'esse logar, o rio Tieté precipita-se por um estreito canal formado de duas alterosas muralhas de rochas, sobrepostas umas ás outras, e vae atirar-se furioso da altura de uns trinta pés, n'uma voragem que se estorce em rabido torvelino.

As aguas, precipitando-se, levantam um espesso nevoeiro, que, tocado dos raios do sol, irradia mil côres, como se fôra cravejado de todas as pedras preciosas que occultam os veios da terra.

Mais adiante, as aguas que havia pouco luctavam e rugiam, estreitando os penedos com as suas flexiveis e possantes ondas, deslisam mansas e serenas com aprazivel murmurio.

É ao pôr do sol, quando já desmaia a tarde, e ao longe se tingem os horisontes d'aquella luz tão saudosamente poetica do crepusculo, que apraz contemplar a cascata. Então a alma immerge-se n'um enleio de sentimentos infinitos; e a natureza, nos desenhos caprichosos da paizagem, reflecte, um por um, os quadros que nos tem esmaltado a vida. Aquella vista suggere pensamentos tristemente graves; e quando, quasi ao cair da noite, o bando espesso de andorinhas, a que os habitantes do logar dão o nome de *taperás*, cortam os ares em repetidos vôos, uma suave melancolia senhoreia o coração.

A imaginação do povo desvaira-se em conjecturas, como em toda a parte, á vista de tão extraordinaria maravilha da natureza; e phantasia um sem numero de lendas sobre a cascata do Salto. A pequena capella de Nossa Senhora do Monteserrate, que nas alturas alveja ao longe, para a direita do rio, casa-se em todas as narrações com os acontecimentos quasi milagrosos que dizem ter succedido junto ao magestoso Salto.

Não posso furtar-me ao desejo de esboçar ligeiramente uma d'essas lendas que servem como para envolver de mysterioso respeito as obras portentosas de Deus.

Contam que uma pobre mulher de côr, angustiada de amarguras, e tresloucada pelos seus padecimentos, desejára pôr termo á vida.

E na sua desdita, eil-a que enveredа caminho do Salto, para sepultar no horrendo *funil* aquella existencia tão cheia de dores. Chamam os habitantes *funil* a um redomoinho de incrivel rapidez que ha pouco adiante da ponte do Salto.

E a desgraçada precipitou-se. Mas quasi ao mesmo tempo acudiu-lhe o arrependimento, e em muda prece, mais rapida que o proprio pensamento, invocou a Virgem do Monteserrate...; e a desventurada, que ia abysmar-se para sempre no redomoinho invencivel, póde agarrar-se a um dos arbustos que, como por encanto, surgem das rochas... e salvou-se.

Eis-ahi como a poesia innata das massas populares eternisa os seus sentimentos de admiração, por meio d'estas lendas que a tradição transmitte de epocha a epocha para todo o sempre.

Os homens dos melhoramentos materiaes, esta nova especie de iconoclastas das obras da natureza, tiveram a tacanha lembrança de propor que fosse quebrado o Salto, e assim destruida a cascata, a fim de que o peixe podesse descer facilmente, e acudisse com fartura a esta cidade de S. Paulo. Foi em nome da pobreza que se levantou este brado estupidamente prosaico, quando tanta coisa mais importante ha para fazer em prol das classes pobres, sem que os ásseclas da pesca abundante se lembrassem de dar um passo. Quanto a mim, entendo que fôra um sacrilegio destruir aquillo que a natureza ergueu no meio de nós para mostrar-nos quanto somos pequenos diante de Deus.

A gravura com que acompanhâmos este artigo é cópia fiel do excellente desenho de um curioso, o sr. Miguel Archanjo, natural da cidade de Itú.

S. Paulo, 1865.

Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva.

UM AMOR DE PAGEM

(Conclusão. Vid. pag. 82)

— *Pax Christi!* disse junto da porta uma voz sonora.

Não houve uma só das pessoas presentes que não se fizesse pallida ao ouvir essas duas palavras, que eram a saudação habitual dos membros da Companhia de Jesus. O proprio Caetano Souto-Mayor descórou ligeiramente, e levantou-se estremecendo.

No limiar da sala appareceu um homem vestindo a roupeta que fôra alvo de tantos sarcasmos, a negra roupeta, distinctivo dos membros d'essa poderosa Companhia, que ainda n'esse momento se julgava *eterna porque era paciente*, e que não adivinhava n'um vassallo desconhecido, que se chamava Sebastião de Carvalho, o Sansão que havia de abalar as columnas do templo, e de ser talvez esmagado pelas suas ruinas.

Devemos confessar que todos sentiram o peito alliviado de um grande peso quando reconheceram no jesuita recem-chegado o filho de Troylo de Vasconcellos. O mau humor com que este disse: «Ah! és tu, Iscariote!» revelou o susto que se tinha apoderado d'elle. Comtudo, haveria na conversação um certo constrangimento, se um frade jeronymo, cego de um olho e de physionomia jovial, que vinha logo atraz do jesuita, não exclamasse por cima do hombro d'este:

— Então que é isto? Então que é isto? está-se a dizer mal do meu collega Fernão Telles da Silva? Respeitem os zarolhos, senhores. Os zarolhos sempre foram grandes homens, como, por exemplo, Camões e eu. Ora andem, andem, zombem do digno monteiro-mór, e verão como eu sou capaz de o encaixar n'um dos cantos da minha *Monocléa*.

— Fr. Simão de Santa Catharina [1]! exclamarám todos alegremente.

— É verdade, fr. Simão de Santa Catharina, o mesmo em corpo e alma, tornou o jocoso monge que adquiriu grande reputação de poeta e de compositor de musica, e que orçava então pelos seus sessenta e tantos annos, fr. Simão de Santa Catharina que lhes diz muito do coração: «Seja Deus n'esta casa», e que não accrescenta «e o diabo em casa dos frades», porque então lá o tinha em Belem de cama e mesa. Que elle, para fallarmos verdade, parece que por lá andou agora que tivemos eleição de prelado, mas deixem estar que as trapaças de meus reverendos irmãos «darão materia a nunca ouvido canto...» Olha! cá está um verso; pois vá feito, hei de escrever um poema sobre o assumpto [2].

— Escreva, escreva, fr. Simão, acudiu o Camões do Rocio.

— Escreva, escreva, fr. Simão, tornou o frade jeronymo arremedando-o; e por que não escreve v. s.

[1] Veja-se, a respeito d'este frade, o *Ensaio biographico-critico* de Costa e Silva, tomo IX. Era poeta comico de bastante chiste. Do poema *Monocléa*, a que se refere o texto, e que ainda se acha inédito, deu pela primeira vez noticia o sr. Cunha Rivara n'um artigo intitulado *Cegos e tortos*, publicado a pag. 14 do vol. IV do *Panorama*. O poema está firmado pelo pseudonymo Simeão Antunes Freire de Santa Quiteria; por isso o distincto bibliographo o não attribue ao seu verdadeiro auctor. Mas, como se vê no *Diccionnario* do sr. Innocencio, esse pseudonymo, onde se encontra com leves alterações o proprio nome, Simão Antonio de Santa Catharina, fôra usado pelo frade jeronymo tambem n'um outro volume de poesias. Portanto, a *Monocléa* é indubitavelmente do poeta que apresentâmos em scena. Como o titulo o indica, o poema devia cantar os zanagas celebres; e, de todas as obras do seu auctor, é talvez aquella onde se encontra chiste mais fino e verdadeiro, e menos laivos de gongorismo. Daremos para amostra a primeira das suas 151 oitavas:

O reino dos varões assignalados,
que unindo a meia-noite ao meio-dia
dos povos, que ficaram quebrantados
vendo da infausta luz á valentia,
e apesar de dois dedos cavalgados,
fazem felice a heroica monarchia,
pedindo a sanfonina ao grande Homero,
com Monócula musa cantar quero.

[2] E escreveu, segundo affirma Costa e Silva. O auctor do *Ensaio* assevera que o poema era em nove cantos, e julga que se perdeu, escapando apenas ao naufragio a primeira oitava, que transcreve, e que nós transcreveremos tambem:

Os enredos, as bulhas, as trapaças,
os enganos, os medos, os temores,
os ardis, as astucias, as negaças,
os agrados, os risos, os amores,
as trombas, os focinhos, as caraças,
as furias, os raivaços, os rancores,
que houve em certa eleição, com forte espanto
«darão materia a nunca ouvido canto.»

um poema sobre a revolução das freiras de Sant'Anna, em que foi tão prudente negociador [1]? Mas digame, queixa-se de ter inimigos no paço, quando tem uma tão gentil e poderosa alliada, como é a condessa de San-Pablo?

— É verdade, é verdade, acudiram todos, Caetano Souto-Mayor não se póde julgar infeliz.

— Dizem que é um prodigio de formosura, acudiu Troylo.

— É um phenix no cantar, tornou outro sujeito.

— Na serenata que houve no paço, arrebatou quantos a escutaram, atalhou terceiro. Ouviu-a, fr. Simão?

— Ouvi-a, sim, tem uma garganta de rouxinol, é verdade.

— E diga lá, fr. Simão, insistiu o mesmo interruptor, o que prefere n'ella: a belleza do rosto ou os encantos da voz?

— Asneira no caso! respondeu o frade encolhendo os hombros. Pois não vêem que eu sou cego de um olho?

— E então que tem que seja cego de um olho?

— Que tem? Que tem?

E, depois de estar calado por espaço de um minuto, respondeu com o seguinte improviso:

Se a mim licito me fôra
escolher n'uma belleza
a gala da gentileza
ou o primor da cantora,
da sobredita senhora
escolhêra o seu cantar,
para mais me regalar;
que eu tenho, a meu entender,
muito menos com que ver
que tenho com que escutar.

Acolhiam os applausos e as gargalhadas a decima improvisada, quando se sentiu o rodar de uma carruagem que parou á porta da casa de Caetano Souto-Mayor. Todos se calaram, e, no meio d'esse profundo silencio, ouviu-se a voz fanhosa de um cego da irmandade do Menino-Jesus [2], apregoando, na sua monotona cantilena, os primeiros versos da recente sylva de Thomaz Pinto Brandão:

Por se me offerecer um caso novo
quero um novo alegrão dar hoje ao povo,
que se não satisfaz, povo faminto,
senão com versos só de Thomaz Pinto.

— Chocarreiro! resmungou fr. Simão de Santa Catharina encolhendo os hombros.

Ciumes de official do mesmo officio.

Entretanto, um criado aproximava-se de Caetano Souto-Mayor e dizia-lhe algumas palavras em voz baixa. O Camões do Rocio levantou-se, pediu licença aos seus hospedes e saiu da sala.

N'outro aposento esperava-o uma senhora de airosa estatura, cujo rosto se escondia debaixo de um véo.

Quando o Camões, depois de entrar, fechou a porta sobre si, a sua mysteriosa visitante levantou o véo, e mostrou o rosto formoso, mas n'esse instante levemente melancolico, da condessa de San-Pablo.

— V. exc. aqui! exclamou Souto-Mayor.

— Eu mesma, respondeu a condessa. A plena e inteira confiança que deposito no seu nobre caracter animou-me a dar este passo, que só por v. s. póde ser apreciado sem desfavor. Acaba de me chegar aos ouvidos uma noticia que em extremo me affligiu. Um acaso fez o sr. Caetano Souto-Mayor sabedor da impensada criancice que D. Luiz de Mello, gentil-homem do duque de Cadaval, praticou em Vendas-Novas. Conhece todas as particularidades d'esse acontecimento, que poderia ter immediatamente graves consequencias, sem a sua generosa intervenção. Essas consequencias veiu agora a tél-as em parte. D. Luiz foi preso.

— Bem o sei, respondeu serenamente o Camões do Rocio.

— Sabe? tornou a condessa com uma anciedade que não póde occultar, sabe então de que modo descobriu el-rei essa imprudencia de pagem, que é tão grave apparentemente, sendo na verdade tão futil?

— O que! pois não viu n'isso a mão do zarolho monteiro-mór? Para alguma coisa havia de ter geito o amaldiçoado; tem geito para espião. Sua magestade, com a sua habitual perspicacia (o Camões deixou n'este ponto descair os oculos para a ponta do nariz), percebeu que um veterano, como o tal criado velho do duque de Cadaval, não fazia uma mascarada d'aquellas por sua conta. Esta suspeita foi formulada em voz alta diante de Fernão Telles, e o homem, que não se lembra talvez do Padre-Nosso, lembrou-se de que o sota-cavallariço era escudeiro fiel do nosso pagemzito. El-rei ligou esta denuncia com certos olhares ardentes que soprendêra, recordou-se do ramo de flores de larangeira da tapada de Villa Viçosa, e, no primeiro impeto, assignou a ordem de prisão...

— Oh! meu Deus! exclamou a condessa com os olhos marejados de lagrimas, e sou eu a causa involuntaria do infortunio d'essa criança... ah! mas vou lançar-me aos pés del-rei...

— Por quem é, acudiu o Camões do Rocio, não dê v. exc. tal passo. D. Luiz está salvo.

— Salvo! como?

— Oh! continuou o Camões do Rocio, não foi a lisonja quem deu a sua magestade o cognome de magnanimo. Passados os primeiros assomos da colera, ninguem melhor do que elle sabe ser rei. Basta que alguem da sua privança lhe indique destramente o erro que perpetrou. Estou habituado a essas coisas, e sei fazer-lhe sentir as suas faltas, sem por fórma alguma assumir ares de pedagogo. Graças a Deus, consegui que sua magestade voltasse a melhores sentimentos. Não só mandou soltar D. Luiz, mas até o mandou servir no Brasil, dando-lhe uma companhia de ginetes.

— No Brasil! exclamou a hespanhola fazendo-se pallida. Mas é um exilio disfarçado!

— Que todos lhe invejariam, tornou Souto-Mayor. Não era possivel evitar-se-lhe a pilula, ao menos doirou-se sumptuosamente. El-rei é homem, minha senhora, e não se exime ás fraquezas da humanidade. Parece-me que já Terencio disse uma coisa similhante. Bem vê que seria exigir muito querer que o nosso augusto monarcha podesse ver todos os dias diante de si o homem que elle suppõe seu rival, ainda que saiba que não é rival feliz. Eu mesmo instei para que elle fosse para o Brasil. Sou amigo do D. Luizinho, e, apesar de cortezão, sei que estes ares da corte são insalubres para as organisações delicadas. No Brasil está bem para fazer o seu tirocinio militar. Apesar d'estas festas e d'estes matrimonios, a guerra com a Hespanha póde rebentar de um instante para o outro, por causa d'aquella maldita colonia do Sacramento. Será então o campo de batalha principal nas margens do Rio da Prata. D. Luiz poderá alli fazer as suas primeiras armas. Demais, minha senhora, creio que prestei tambem um serviço a v. exc. D. Luiz é uma criança estouvada, e a senhora condessa, con-

[1] Segundo conta Antonio Corrêa Vianna, que em 1779 fez uma collecção manuscripta das poesias do Camões do Rocio, as freiras de Sant'Anna um bello dia revolucionaram-se, armaram-se de cabos de vassoiras e de tudo quanto poderam encontrar, e quizeram sair para o meio da rua. Acudiram tropas, mas o que haviam de fazer os soldados em presença d'esta insurreição feminino-monastica? Appareceu então o nosso Camões, o qual, com a sua eloquencia levemente zombeteira, conseguiu apaziguar a revolta e dissuadil-as do seu intento. É este, em quanto a mim, um dos factos mais curiosos do reinado de D. João v.

[2] Veja-se sobre os privilegios e instituição d'esta irmandade, o curioso artigo do nosso redactor principal, o sr. Silva Tullio, no *Brinde aos assignantes do Diario de Noticias*.

tinuou elle rindo, creio que não tem pachorra para desmamar crianças... Mas que tem v. exc.?

Esta pergunta era motivada pela subita pallidez que desmaiára as faces da condessa, e pelas lagrimas que, golphando-lhe em borbotão dos olhos, lhe deslisavam silenciosas pelas faces.

— Não é nada, não é nada, disse ella. Desculpe-me... o seu coração de poeta facilmente me comprehenderá... Tinha-me affeiçoado sinceramente áquella criança... tinha-lhe um amor de mãe... de irmã mais velha... Custa-me saber que vae affrontar perigos e inclemencias, tudo por minha causa... Ah! sr. Caetano Souto-Mayor, continuou ella não contendo os soluços, esta belleza que nos invejam é ás vezes um dom bem fatal.

— Senhora condessa, balbuciou o Camões do Rocio, tranquillise-se... v. exc....

— Adeus, tornou ella descendo o véo e tirando com impeto febril uma cruzinha de oiro que trazia ao peito, adeus! dê-lhe esta cruz, e diga-lhe que me viu banhal-a de lagrimas, diga-lhe que eu desejaria ser mãe d'elle para o cingir com os braços e não o deixar partir, ou para o acompanhar no exilio... Ou antes, continuou ella com voz cortada pelos soluços, não lhe diga... coisa alguma, porque, para ser verdadeiro... tinha de lhe dizer...

Suspendeu-se um instante, e, a final, fez um gesto de despedida, e saíu rapidamente.

D'ahi a instantes sentiu-se rodar a carruagem.

O Camões seguiu-a com os olhos, sorrindo-se; depois, encolhendo os hombros e mettendo a cruz na algibeira, murmurou, completando a phrase da condessa:

— Tinha de lhe dizer que o amava. Bem o adivinhára eu. Tão criança é um como o outro. Adoraveis criancices! São o unico poema serio da vida. Tudo o mais são comedias como as do Antonio José, ou chalaças como as de fr. Simão.

E dirigiu-se tranquillamente para a sala onde os seus hospedes o esperavam.

. . . .

D'ahi a alguns dias, por diante das janellas do torreão meridional dos paços da Ribeira passava, com as velas soltas ao vento, a nau *Rainha dos Anjos*, que ia levar tropas á Bahia. Divisava-se no convez o vulto airoso de D. Luiz de Mello, e, por traz d'elle, mesmo de terra se via distinctamente o flammante nariz de Braz Mattoso, que fôra solto por intervenção do duque de Cadaval, e conseguira partir com o seu D. Luizinho.

N'uma das janellas do paço appareceu um vulto de mulher, que acenou com um lenço branco na direcção da nau. D. Luiz correspondeu-lhe levando aos labios uma cruzinha de oiro.

O vulto feminino permaneceu na janella até que a nau desappareceu ao longe. Depois, deixando deslisar uma lagrima pela face, murmurou:

— Adeus, adeus para sempre, sonho unico e perfumado da mocidade. Relampago de noite de estio, vaga melodia que eu senti exhalar-se espontaneamente da lyra do coração!

E, fechando a janella, a condessa de San-Pablo dirigiu-se com passos vagarosos para o aposento da princeza do Brazil [1].

M. Pinheiro Chagas.

[1] Chegando á conclusão d'este pequenino esboço, devo rectificar o que disse n'uma nota de um dos numeros precedentes. O poeta José de Mattos Rocha não apparece no *Diccionario* do sr. Innocencio, não porque o nosso distincto bibliographo o não conhecesse, mas porque entendeu que não devia pejar os seus volumes com miuçalhas litterarias d'esta ordem. Em compensação, o honrado homem lá figura na *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa Machado. Direi a quem tiver desejo de conhecer mais intimamente esse maganão, que foi o sr. José de Mattos Rocha bacharel em medicina, que nasceu em 1673 e morreu em 1742, que foi poeta latino e portuguez, que escreveu sylvas a quantos casamentos reaes pôde apanhar no seu tempo, e que, antes de ter cantado o matrimonio da sra. D. Maria Anna Victoria, já cantára o casamento da sogra, e estava disposto a cantar o casamento da neta, se a morte não roubasse ao paiz este prestante cidadão. Ainda teve tempo de escrever uma obra, cujo titulo merece ser citado: *Puericias do Parnaso nas ribeiras do Mondego*. Por estas e por outras o tem Deus na bemaventurança.

BELGICA

CIDADE DE DINANT

É uma das povoações mais antigas do actual reino da Belgica, e das que mais padeceram n'essas porfiosas guerras que outr'ora assolaram a Flandres.

Em virtude da partilha do imperio feita no seculo IX entre Carlos, o Calvo, e Luiz, o Germanico, ficou o primeiro de posse de Dinant. Fortificada no seculo XII, enriquecida sob o governo dos bispos de Liege, os seus habitantes comprometteram depois a prosperidade de Dinant por causa do odio que votaram á visinha cidade de Bouvinhas, de que lhes resultou sanguinolenta lucta.

Passado tempo, tendo tomado parte na revolução que rebentou em Liege contra o duque de Borgonha, padeceu aquella cidade duro castigo. Mas não bastou para lhe suffocar o espirito de independencia. Novamente rebellada em 1431, e em seguida vencida e cruelmente punida, revoltou-se outra vez em 1466. Depois de um longo cêrco, viu-se obrigada a renderse á discrição do exercito commandado pelo principe Carlos de Borgonha, filho do duque Filippe e da duqueza D. Isabel, infanta de Portugal, filha del-rei D. João I.

A cidade foi saqueada e incendiada; oitocentos cidadãos foram atados dois a dois e lançados ao rio, e o resto dos habitantes foi quintado.

As guerras estrangeiras em que se envolveu o filho do duque Filippe, Carlos, o Temerario, apenas subiu ao throno, obstaram a que aquella infeliz cidade resurgisse das suas ruinas.

Pacificada, porém, a Flandres pela morte d'este valoroso soberano, que tanta gloria adquiriu, luctando com os maiores potentados da epocha até perder a vida na memoravel batalha de Nancy, foi reedificada a cidade de Dinant.

Não era, porém, ainda bem passado um seculo depois que os borguinhões a tinham reduzido a um montão de ruinas, quando veiu de novo açoitar-lhe os muros o facho da guerra. D'esta vez foi o duque de Nevers quem ordenou o assalto da cidade inoffensiva, e do castello que a senhoreia sem bem lhe servir de defensa. Ambos foram facil preza do inimigo, e o vencedor, mais humano que o duque de Borgonha, contentou-se de mandar dar saque á cidade.

No seculo seguinte, correndo o anno de 1674, foi tomada Dinant pelos francezes, estando a França sob o sceptro de Luiz XV; e em 1794 novamente a entregou a sorte das armas aos exercitos da França, então republicana. Em nenhuma d'estas vezes foi mais feliz do que quando n'ella entraram os soldados do duque de Nevers.

Correram, porém, os tempos, e a desgraça cançou-se de perseguir aquella desventurada povoação. O anno de 1830 viu proclamarem os belgas a sua independencia, e constituir-se o novo reino da Belgica em bases solidas e promettedoras de ventura, á sombra da liberdade, e sob o governo esclarecido do grande rei Leopoldo I.

Da paz e prosperidade que tem desfructado esta monarchia em geral, tem colhido vantagens Dinant, que lhe fizeram dobrar a sua população e desenvolver a sua industria. Não obstante, porém, o que acabâmos de expor, Dinant ainda hoje é uma cidade pequena, mas tão lindamente situada, que offerece aos que habitam n'ella uma vivenda commoda e agradavel, e aos que a contemplam de fóra um painel encantador e pittoresco.

Sentada em uma planicie ao longo da margem do rio Mosa, que lhe banha os seus edificios, encosta-se a um monte elevado e cortado tanto a prumo para o

ado do rio, que um antigo castello que sobre elle campeia fica exactamente a cavalleiro da cidade.

A sua egreja matriz é um templo tão venerando por sua ancianidade e grandeza, que o podem invejar para sua egreja principal muitas cidades mais populosas e de maior importancia que Dinant. Como muito bem quadra a uma egreja que se decora com o titulo de matriz, esta de que tratâmos, fundada na raiz do monte, em terreno um pouco mais alto que o pavimento das ruas da cidade, domina toda a povoação, e parece querer egualar a coroa do monte com a elevada agulha da sua torre.

Os outros monumentos que ennobrecem a cidade de Dinant são o castello e a ponte lançada sobre o Mosa.

Tem o castello uma remota origem e fastos gloriosos, jactando-se de dar o ser á povoação que veiu, em procura de abrigo, sentar-se á sombra das suas muralhas. As guerras, destruindo-o, e as reconstrucções, remoçando-o, tem-lhe alterado as feições, de maneira que já não ostenta as fórmas graciosas e pittorescas das fortalezas da edade média.

A ponte, com os seus cinco arcos, está mostrando a sua muita antiguidade nas quatro torres que lhe defendem as entradas.

O rio é estreito, mas de corrente placida, levando sempre bastante volume de aguas, mesmo no estio, no que offerece ao commercio facil via de communicação, desde S. Thibaut, em que principia a ser navegavel, até ao Oceano, onde tem a sua foz. As suas lindas margens fazem mui formosos os arrabaldes de Dinant, que são notaveis pela sciencia e esmero com que os cultivam os lavradores. Nos progressos da agricultura, como em quasi tudo o mais, caminha a Belgica a par das nações mais adiantadas.

Ha n'estes arrabaldes alguns sitios, além de aprazíveis, muito pittorescos. O que mais sobresae n'estas condições de belleza é o logar chamado *Rochedo de Bayard*, sobre o Mosa.



Cidade de Dinant

As cercanias de Dinant não são afamadas unicamente pela fertilidade do solo e pela perfeição da cultura, mas tambem pelas riquezas mineralogicas que encerram, e que são amplamente exploradas com grande proveito da povoação. Consistem em excellentes minas de ferro, e em pedreiras de bello marmore, de que se fabricam no paiz muitas obras de esculptura, e se faz d'elle grande exportação para França, onde é muito apreciado e conhecido com o nome de marmore de Dinant.

Esta cidade, que ao presente conta perto de seis mil almas, pertence á provincia de Namur; dista da cidade do mesmo nome 30 kilometros para o lado do sul, e da cidade de Liege 70 kilometros para a parte de oéste.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O INFANTE D. HENRIQUE

(Vid. pag. 86)

VI

Na minoridade de seu sobrinho, D. Henrique seguiu o partido do infante D. Pedro, concorrendo para lhe aplanar os caminhos do poder e para lhe manter a sua pacifica posse.

El-rei D. Duarte, por testamento, nomeára regente do reino a sua mulher, D. Leonor, e ordenára que das sobras dos rendimentos publicos se apurasse a somma necessaria para o resgate do infante D. Fernando. Não havendo meio de o arrancar do captiveiro senão entregando Ceuta, a ultima vontade do soberano moribundo fôra que se entregasse a praça aos moiros em troca da liberdade do irmão. Nenhuma das disposições se cumpriu. D. Leonor encontrou forte opposição na antipathia dos subditos. Ceuta continuou a ser portugueza, e o infante morreu em ferros [1].

O infante D. João combatia a principio a regencia da rainha, invocando os sentimentos patrioticos da nação. Amada em quanto viveu o marido, D. Leonor, mulher e estrangeira, difficilmente podia governar um paiz soberbo por suas liberdades conquistadas, cioso dos foros e brios proprios, e naturalmente desconfiado do perigo das influencias estranhas. Para suster com firmeza as redeas de estado tão guerreiro e altivo, as mãos delicadas de uma dama eram fracas e timidas de mais. Accrescia (e era o peior de tudo) a emulação encoberta, mas irresistivel, do infante D. Pedro, tio do rei menor, geralmente venerado por sua elevada capacidade e grande sciencia [2].

[1] Duarte Nunes de Leão. *Chronica del-rei D. Affonso* v. — Ruy de Pina. *Chronica de Affonso* v.
[2] Zurita. *Annales de Aragon*. — Pina. *Chronica del-rei D. Affonso* v

Depois de visitar parte da Europa em viagens, que duraram quatro annos, e de ter auxiliado com a espada e o conselho o imperador Segismundo nas luctas contra os turcos, D. Pedro, recolhendo-se, admirára em Roma as maravilhas da arte pagã e as pompas do culto catholico; e, restituido ao reino, tinha casado com Isabel, filha do conde de Urgel, e neta de D. Pedro, rei de Aragão. Cavalleiro da ordem da Jarreteira, condestavel por morte de D. Nuno Alvares Pereira, e adorado por suas virtudes e qualidades, estranharam logo muitos que D. Duarte lhe houvesse preferido uma princeza estrangeira, e, aggravados da injustiça, trabalharam por emendar o erro, creando obstaculos a D. Leonor, e movendo contra o seu poder interino o animo dos povos.

Sentindo-se desamparada, a rainha procurou, não sem destreza, encostar-se ao braço que todos esperavam se alçasse para a derrubar. Propoz ao infante o casamento de Affonso v com sua filha D. Isabel, e cuidou havel-o vinculado por este modo á sua causa pelo esplendor de tão invejada alliança. Illudiu-se. A ambição não se enfreia com promessas, quando vê proximo e certeiro o alvo dos desejos. D. Pedro agradeceu a D. Leonor a offerta em termos affectuosos, renovou-lhe os protestos de respeito e devoção, mas deixou adiantar as diligencias de seus partidarios. As cortes de Torres Novas, que a rainha não soube dominar, concedendo-lhe o cuidado da educação do filho, despojaram-n'a, a despeito dos esforços de alguns fidalgos e do conde de Barcellos, da regencia do reino, e conferiram-n'a ao duque de Coimbra. Nasceram d'esta resolução discordias graves e sublevações. A rainha retirou-se a Alemquer, e, obrigada a entregar a D. Pedro o principe e o governo, dizia-lhe, resentida, que só agora se reputava inteiramente viuva, porque se via sem marido e sem filho. Entre as facções oppostas da corte e dos estados, exposto aos tiros do odio e da inveja, o infante, desgostoso, quiz tambem sair de Lisboa, e só forçado pelo povo consentiu em não ceder aos competidores a direcção dos negocios publicos.

Por cumulo de infortunios, o prior do Crato, levantando as bandeiras da viuva de D. Duarte, e o conde de Barcellos, apoderando-se de Guimarães, acclamaram a resistencia, constrangendo o regente a empunhar as armas para os conter. Em todas estas alterações, funesta origem de que se derivou depois a catastrophe em que D. Pedro perdeu a vida, o infante D. Henrique sempre representou o papel de conciliador zeloso, correndo de um a outro campo, aplacando as paixões, adoçando os amores proprios irritados, e congraçando os interesses mais oppostos e implacaveis [1].

A administração prudente e sábia do duque de Coimbra, justificou as esperanças dos que tinham luctado para lhe ser confiado o leme do estado. Tolerante, habil e generoso, deveu-lhe Portugal os annos mais felizes d'este periodo, respirando em paz á sombra das leis, dilatando as forças, e engrossando as riquezas no seio da mais profunda tranquillidade.

Os louvores e a satisfação dos subditos não desarmaram a má vontade dos inimigos do regente. Em vão, antepondo o bem do paiz ao orgulho pessoal, se havia elle reconciliado com o conde de Barcellos, seu irmão natural, esquecendo todas as offensas; debalde, para melhor affirmar a amizade recente, por morte de D. Gonçalo, senhor de Bragança, doára o senhorio d'aquella cidade ao conde com o titulo de duque; e inutilmente, tambem, perdoára ao arcebispo de Lisboa as injurias antigas, restituindo-o á sua diocese. Serviram só estes beneficios de fazer ingratos, azedando ainda mais a aversão dos que a auctoridade absoluta do duque confundia e humilhava.

[1] Ruy de Pina, cap. XVI e seguintes. — Nunes de Leão. *Chronica de D. Affonso v.*

Formou-se uma conspiração no paço, de que foram alma o duque de Bragança, o conde de Ourem, seu filho, e alguns fidalgos moços, companheiros inseparaveis del-rei. Aconselhada pelo arcebispo de Lisboa, esta parcialidade, denominada da *Capella e da Guarda Roupa*, sempre ao lado de Affonso v, não cessava de deprimir o regente, pintando-o como homem austero, inimigo e censor das distracções juvenis, e devorado de insaciavel ambição, não perdendo ao mesmo tempo occasião de demolir no conceito do soberano inexperiente o respeito e a confiança merecidas pelos serviços e prendas do duque de Coimbra [1].

N'este periodo tocou Affonso v a edade de sair da tutela e de tomar o governo do reino, e o infante D. Pedro, convocando as cortes immediatamente, perante ellas resignou o mando supremo e deu conta da sua administração, pedindo perdão a el-rei e ao povo dos erros que podesse ter commettido. Approvaram os Estados os actos da regencia, sanccionaram o casamento de Isabel com el-rei, seu primo, depois celebrado em maio de 1447, e assentiram a que o duque de Coimbra continuasse a ajudar D. Affonso, seu sobrinho, com os conselhos, governando assim mais dois annos, quasi com tanta auctoridade como na epocha em que regêra o paiz durante a minoridade.

Mas as nuvens tempestuosas iam-se acastellando e cobrindo os horisontes só na apparencia socegados. O casamento del-rei com a filha do duque de Coimbra assustára os inimigos do infante, que viam perpetuada a base do predominio de D. Pedro.

O duque de Bragança, o conde de Ourem e o arcebispo de Lisboa, receosos de que, se o amor da esposa nova e formosa captivasse o rei mancebo, todos os enredos cairiam com uma palavra ou com um sorriso d'ella, redobraram os esforços para cavar entre o duque e o soberano abysmos que os separassem para sempre. Valendo-se da calumnia, ennegreceram o caracter do regente, e apalpando no animo de Affonso v o lado fragil — o orgulho juvenil da realeza — suggeriram-lhe suspeitas absurdas ácerca da lealdade do sogro, descrevendo-o, como querendo passar em tudo pelo verdadeiro rei, diffamando com aleives a sua administração, e figurando-o detractor ambicioso e ingrato da capacidade do sobrinho.

Deu el-rei ouvidos a estas vozes; esfriou na amizade pelo tio; e principiou a dar-lhe signaes pouco equivocos de desagrado. D. Pedro, severo, inteiro, e por indole pouco soffredor, em logar de permanecer para desterrar da mente do monarcha as idéas incutidas pelos émulos, retirou-se da corte aggravado, e cedeu-lhes inteiramente o campo.

Exploraram elles logo o erro, e aproveitando-se com destreza da ausencia do duque, acabaram de alienar-lhe o animo de Affonso v, não tremendo de o accusar até de envenenador de D. Duarte, de D. Leonor e do infante D. João, calumnia que espantou a todos, indignando os virtuosos. Correu o infante D. Henrique de Sagres a defender o irmão, mas chegou tarde. Senhores da vontade del-rei, os inimigos de D. Pedro facilmente o emmudeceram, assacando-lhe a complicidade dos delictos imputados ao duque.

Quiz o regente voltar á corte, e entendeu-se com D. Henrique para ambos ligados pulverisarem a facção do duque de Bragança. Mas esta, vigilante e sem escrupulos, temendo que os infantes destruissem em uma hora a obra de tantos annos, conseguiu del-rei que expedisse contra D. Pedro e seus parciaes as ordens mais injustas e crueis, prohibindo-lhes a entrada do paço, e até a menor communicação e intimidade. Por fim, completamente dominado pelos inimigos de seu sogro, Affonso v, sob pretextos futeis, mandou aperceber para a guerra as cidades e villas do reino,

[1] Pina, cap. CXXXII. — Faria e Sousa. Epitome. — Nunes de Leão. *Chronica de Affonso v.*

decidido a investir Coimbra se o regente não cedesse, e de feito, no mez de outubro de 1445 marchou de Cintra para se pôr á testa de suas tropas [1].

N'esta extremidade apenas restavam ao desditoso principe duas esperanças — o apoio do braço valoroso do conde de Abranches, D. Alvaro Vaz de Almada, que no conselho reptára á lança e á espada os calumniadores do infante sem nenhum se atrever a apanhar-lhe a luva, e a amizade auctorisada de seu irmão D. Henrique, que, unido com elle, podia mudar o mau aspecto das coisas. D. Henrique estava em Thomar. Avisou-o dos aggravos que padecia e dos perigos que o ameaçavam, porque o duque de Bragança, para o affrontar, intentava atravessar armado por suas terras. Respondeu-lhe, pedindo que nada decidisse sem elle em pessoa ir, para o que se ficava aprompiando; mas não cumpriu a promessa. Em vez de acudir a Coimbra, aonde D. Pedro o esperava em tanta afflicção e necessidade, fugiu para a corte, não querendo desobedecer a el-rei, nem declarar-se pelo irmão contra o duque de Bragança!

Duarte Nunes, em phrases acerbas, flagella esta politica doble, dizendo, depois de alludir á tristeza e desamparo do regente, enganado em suas ultimas illusões, que similhante acção «fóra grande mácula na honra e fama do infante D. Henrique segundo os bons homens e graves d'aquelle tempo, e tanto mais, quanto menos obrigação tinha de mulher e filhos por quem quizesse poupar a vida e adquirir mais estado, e por seu irmão D. Pedro ser seu irmão inteiro e legitimo, e padecer calumnias e accusações falsas [2].»

Privado de todo o auxilio e dos conselhos do irmão, o duque de Coimbra resolveu marchar sobre Lisboa para vir justificar-se. Saiu Affonso v a oppor-se, e a batalha de Alfarrobeira poz termo á lucta e aos dias do infante. Uma setta varou-lhe o corpo, prostrando-o. O conde de Abranches, que juràra sobre a hostia não lhe sobreviver, sabendo que era morto, depois de obrar prodigios de valor, deixou-se cair por terra para acabar tambem n'aquelles campos infelizes, exclamando: «Ó corpo, já sinto que não pódes mais, e tu, minha alma, já tardas: agora fartar, villanagem!»

O sangue do infante, vertido n'esta peleja ingloria, não ficou inulto. Da filha de D. Pedro nasceu o principe, que tomou sobre si a obra terrivel da expiação. O cadafalso do duque de Bragança vingou o quasi assassinio de Alfarrobeira. Os filhos pagaram no duplo as dividas e os crimes dos paes. Só depois de cerrada a campa sobre as cinzas de D. João II, é que as duas raças inimigas se congraçaram no reinado del-rei D. Manuel [3].

(Continúa) REBELLO DA SILVA.

A MUSICA

(Vid. pag. 87)

III

A musica sacra — Regras de Santo Ambrosio — Reforma de S. Gregorio — Antiphonario — Canções populares — A musica na edade média — Como era então a melodia independente da harmonia — Os trovadores — Invasão dos cantos dos trovadores na musica religiosa — Escandalos produzidos pela mistura impia dos cantos profanos e sagrados — Anathemas da auctoridade ecclesiastica — O concilio de Trento — Inefficacia d'estes meios — Grande reforma da musica religiosa por Palestrina.

A historia da musica moderna data apenas do quarto seculo da nossa era. Em 384, reinando o imperador Theodosio, Santo Ambrosio, quando fez construir a egreja de Milão, pensou tambem em regular o modo de execução dos hymnos, psalmos e antiphonas, que se deviam cantar no serviço do divino culto; para isso escolheu várias melodias dos antigos cantos da Grecia, as quaes fez conter todas em quatro escalas musicaes, começando em *re, mi, fa, sol.*

Mas ainda não tinham decorrido dois seculos, já era tal a confusão pelas successivas corrupções que a invasão dos barbaros tinha feito nos cantos de Santo Ambrosio, que o papa S. Gregorio, em 593, se viu obrigado a emprehender nova reforma na musica de egreja. Reunindo fragmentos de antigas melodias gregas áquellas que já tinha escolhido Santo Ambrosio, formou o papa Gregorio Magno uma collecção denominada antiphonario centoniano. Todos estes cantos sacros foram contidos nos limites de oito escalas musicaes, sendo as notas representadas por letras do alphabeto, como antigamente tinham feito os gregos e romanos. D'esta reforma proveiu o nome de canto gregoriano ao canto ecclesiastico.

O uso de fazer acompanhar o canto por algum instrumento cedo se introduziu na musica sagrada; desde os primeiros seculos da nossa era que o orgão, o mais grandioso de todos os instrumentos, apparece nas egrejas concorrendo para a magestade do culto divino.

O orgão contribuiu muito para o aperfeiçoamento da harmonia. Foi no seculo XI que se inventou a primeira e verdadeira leitura musical; foi um padre de Pompose, Guido d'Arezzo, na Toscana, que adoptou a notação musical hoje usada entre nós; até esta epocha eram necessarios muitos annos para formar cantores, aliás pouco habeis para a musica sacra.

A melodia é, por certo, tão antiga como a existencia do homem sobre a terra. Em todas as nações se encontram canções e melodias, expressão das commoções variadas da vida, e que se tem transmittido de geração em geração através dos seculos. Filhas do instincto e do sentimento, apresentam fórmas geralmente incompletas, mas vivazes pela inspiração que as fez nascer, e que as torna queridas aos povos, cujas tradições e costumes exprimem.

Desde que a lingua vulgar balbuciou as primeiras palavras logo se alliou á musica. Desde os seculos IX e X da nossa era se encontram rhythmos e cantos populares completamente diversos dos da musica sagrada. Mas durante os primeiros seculos da edade média a composição da melodia era independente da harmonia. A invenção da melodia era então devida aos poetas, aos trovadores, e, em geral, ao povo. Inventada a melodia e as palavras, os seus auctores iam procurar os *harmonisadores* para fazerem o acompanhamento ou a harmonia. Esta separação da inspiração e da sciencia musical é o caracter da musica na edade média. N'esta epocha a harmonia reduzia-se a duas vozes; uma combinação de quintas e movimentos unisonos.

É a edade média o bello tempo dos trovadores, sobre tudo o seculo XII é a sua epocha mais brilhante. Foi principalmente em Portugal, Hespanha e França que mais floresceram os trovadores. Era então do melhor tom o culto da poesia e da musica; a elle se entregavam com paixão os nobres da epocha.

As trovas, mais ou menos romanticas, e que exprimiam com certa poesia os sentimentos da vida de uma epocha muito romanesca, apresentavam rythmos mui variados, alguns dos quaes chegaram a fazer tanto furor (como diriamos hoje), que invadiram o campo sagrado, fazendo plena investida no canto-chão.

O canto ecclesiastico, pela monotonia dos motivos e pela linguagem latina ignorada do povo, era completamente desprezado n'aquella epocha, fazendo o desespero dos contra-pontistas e mestres de capella, aos quaes veiu á idéa a maior extravagancia que imaginar se póde, qual foi o escolher algumas das mais populares canções e trovas para themas das composições de musica sacra, de modo que nas grandes

[1] Ruy de Pina. *Chronica del-rei D. Affonso* v, cap. CXXXVIII e seguintes.

[2] Duarte Nunes. *Ckronica e vida de D. Affonso* v, cap. XVII.

[3] Damião de Goes. *Chronica do principe D. João,* cap. IV e V.

festas do culto catholico, para mais captivarem a publica attenção e agradarem ao povo, que nada percebia do latim, faziam simultaneamente cantar o mesmo thema os padres e uma voz profana, geralmente de tenor. Os primeiros diziam as palavras latinas sagradas, e o ultimo as palavras em vulgar de alguma trova favorita e popular. Assim referem os historiadores que não era raro, mesmo nas principaes egrejas de Italia, nas grandes festividades religiosas, ouvir-se, em quanto se entoava *immolatus est*, dizer o tenor com toda a galanteria da epocha *bacià-me cara mia*.

O escandalo da impia mistura dos cantos profanos e sagrados nas festividades da egreja chegou a tal ponto, que as auctoridades ecclesiasticas se viram obrigadas a lançar anathemas contra tal proceder, e o concilio de Trento condemnou e prohibiu solemnemente que se introduzisse na musica sacra os cantos profanos. Entretanto, ainda se continuou, sobre tudo nos templos ruraes, a usar dos cantos profanos na musica de egreja; e até, em tempos mais recentes, todos nós temos alguma vez ouvido durante a consagração, em alguma festividade religiosa, o orgão tocar o *bacio* de *Arditi*, a polka-mania, ou outra musica analoga.

O que não conseguiram os anathemas das auctoridades ecclesiasticas contra a impia mistura dos cantos lascivos e sagrados, realisou-o o genio de um dos mais notaveis compositores italianos, João Pierlurgi Palestrina, que foi o primeiro que, no seculo XVI, soube dar á musica de egreja um caracter grave, nobre, severo e grandioso, como convem á magestade do culto. Até esta epocha a melodia não estava geralmente em harmonia com as palavras; as fórmas materiaes tinham até então absorvido completamente a sciencia dos compositores; as palavras não lhes mereciam attenção alguma; eram apenas um pretexto para fazer ostentação dos conhecimentos que possuiam sobre a sciencia dos accordes. Assim, via-se frequentemente o mesmo estilo ser applicado a toda a especie de musica, a um canto religioso, a um motivo de dança, a uma bachanal, etc. Muitas vezes versos elegiacos tornavam-se jocosos pelo arranjo das vozes. Foi desde a reforma da musica por Palestrina que a Italia adquiriu grande superioridade musical sobre as outras nações, brilhando sobre tudo as escholas de Roma, Napoles e Veneza.

(Continúa) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

A SENSIBILIDADE

I

A sensibilidade é virtude ou fraqueza?

Como virtude, significa força; e como é proprio da sensibilidade abrandar a alma, visto que a sensibilidade é propria das almas ternas, parece-nos que se não podem denominar do mesmo modo as duas faculdades contradictorias.

Chamaremos fraqueza a um sentimento que nos faz affrontar tantos perigos, vencer tantas difficuldades, e dar aos entes mais timidos uma energia que muitas vezes é superior á propria coragem?

A sensibilidade não é, com effeito, uma virtude nem uma fraqueza, mas uma tendencia do coração para ambas. Nem a confundamos com a piedade, que é affeição ephemera. Vale muito mais.

Independentemente do que pertence á piedade, a sensibilidade faz innumeras coisas que a piedade não faz.

A piedade extingue-se com a causa que a provoca; é apenas um dos effeitos da sensibilidade, estado constante, que é menos uma affeição que uma disposição para receber todas as affeições.

Esta disposição chama-se especialmente sensibilidade, quando nos leva a sentimentos brandos e suaves. Se se manifestar habitualmente por sentimentos violentos, denomina-se irritabilidade.

Perguntâmos a todos os momentos se a sensibilidade é uma virtude ou um vicio; a analyse que fizemos nos guia porventura para encontrarmos a solução d'este ponto. A sensibilidade não é em si um vicio nem uma virtude; porém a alma que domina é egualmente capaz de boas e más acções, porque a alma é o instrumento prompto para dar os sons que a mão do acaso quizer tirar d'elle.

A sensibilidade conduz á ingratidão como ao reconhecimento, á severidade como á indulgencia, á generosidade como á crueza.

O Achilles de Homero é na verdade o typo do homem sensivel. Quando se lê a *Iliada* vê-se que elle é como o symbolo da contradicção. Os seus sentimentos são paixões; as suas paixões, furores; e a sua amizade, exaltada como o odio, que é apenas um excesso de amizade. Irritavel até á ferocidade, porque é sensivel até ao delirio, apresenta, na ira com que offende Heitor, o quilate da ternura com que acaricia Patroclo; e a facilidade com que se compadece das lagrimas de Priamo prova que todas as affeições d'aquella alma immoderada tem a mesma origem — a sensibilidade.

Encontram-se tambem estas contradicções em Dante, genio originalissimo, como Homero, em que a sensibilidade tem por vezes a feição da barbarie. A sensibilidade de Dante fôra, porém, excitada por uma longa proscripção, e póde-se inferir que elle desprezava os tyrannos tão intimamente como queria á patria e á liberdade.

A sensibilidade e a irritabilidade podem, todavia, abrigar-se no mesmo coração sem produzir necessariamente os effeitos que se descreveram. Estes dois sentimentos, confrontando-se, podem modificar-se mutuamente, perseverando no coração em que imperam de accordo com um excesso de violencia e um excesso de fraqueza, impedindo a alma de elevar-se muito como de abater-se em demasia, e compondo-lhe uma virtude particular que, sendo sensivel á injuria, não deixasse tambem de sêl-o ao prazer de perdoal-a.

Ha uma sensibilidade physica como ha uma sensibilidade moral. São ás vezes tão immediatamente ligadas, que é facil julgar uma pela outra; mas entre ellas ha differença: a que existe, por exemplo, entre o amor physico e o amor moral, entre as sensações e os sentimentos.

Certa irritabilidade nervosa póde ter os mesmos effeitos que a sensibilidade; mas como não é no coração que tem origem, deve-se-lhe dar outro nome.

A sensibilidade, que uns consideram como o effeito de uma organisação debil, e outros como prova de uma organisação delicada, origina duas especies de affectações oppostas, que só tem o mesmo estimulante, a vaidade. Tal homem, sensivel realmente, mas receando parecer fraco, envergonha-se da sua sensibilidade, á qual vae cedendo sempre, procurando, todavia, dissimulal-a sob apparente rigidez; tal outro, pelo contrario, sêcco e frio como o marmore, mas desejando passar por bom, procura occultar a sua dureza revestindo-a com a apparencia da mais extraordinaria sensibilidade.

A affectação de insensibilidade obtem facilmente desculpa, porque o erro que d'alli resultará não póde causar damno á sociedade; mas a affectação contraria excita sempre a mais profunda indignação, porque os mais espantosos artificios se occultam muitas vezes com as illusões que ella produz.

(Continúa)